

ETIMOLOGIAS DE ISIDORO DE SEVILHA: APONTAMENTOS SOBRE A CURIOSIDADE E OS SABERES NA ANTIGUIDADE TARDIA

ETYMOLOGIES OF ISIDORO OF SEVILLE: NOTES ON CURIOSITY AND KNOWLEDGE IN LATE ANTIQUE

Marcus Cruz¹

Universidade Federal de Mato Grosso
Diretor do Instituto de Geografia, História e Documentação
Departamento de História - PPGHis
VIVARIUM - Laboratório de Estudos da Antiguidade e Medieval
Núcleo de Pesquisa em História - NPH/UFMT
E-mail: marcuscruzcba@gmail.com

RESUMO: A curiosidade parece ser uma atitude que acompanha o ser humano desde o alvorecer dos tempos impulsionando as pessoas numa busca incessante pelo conhecimento. Fazendo um recorte nesta aventura pelo saber nos dedicaremos a analisar a obra Etimologias de Isidoro de Sevilha entendendo este texto como o resultado das forças e lutas existentes no universo cultural da Antiguidade Tardia, assim como a expressão da curiosidade naquela sociedade.

Palavras-chaves: Curiosidade – Antiguidade Tardia – Isidoro de Sevilha

ABSTRACT: Curiosity seems to be an attitude that accompanies human beings since the dawn of time, impelling people in an incessant search for knowledge. Making a cut in this adventure for knowledge, we will dedicate ourselves to analyzing the work Etimologias by Isidore of Seville, understanding this text as the result of the forces and struggles existing in the cultural universe of Late Antiquity, as well as the expression of curiosity in that society.

Keywords: Curiosity – Late Antiquity – Isidore of Seville

Em algum momento e em algum lugar de um passado longínquo e que jamais poderemos determinar e conhecer com precisão um ancestral hominídeo lançou seu olhar para o Céu noturno e se perguntou o que eram aqueles pontos luminosos no tecido escuro da noite. Ou ao observar a variedade e multiplicidade dos animais e dos vegetais ao seu redor este ser se interrogou acerca da vitalidade, mas também da fragilidade, da vida. Ou ainda refletindo sobre a sua própria existência formulou questões que permanecem até os dias de hoje: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

A partir de primórdios modestos, da simples observação, de perguntas singelas a humanidade progressivamente alicerçou e consolidou sua incessante busca pelo

¹ Professor Associado do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso.

conhecimento que permitiu o surgimento da filosofia, da ciência, da tecnologia. Neste processo a insaciável curiosidade humana sempre desempenhou um papel fundamental, ainda que, talvez, não tenha sido objeto da devida atenção das investigações.

A ideia de curiosidade se articula ao desejo intenso de ver, ouvir, conhecer e experimentar e por conseguinte a vontade de aprender, saber e pesquisar. Em outras palavras o princípio da curiosidade esta intrinsecamente ligado ao da busca do conhecimento, como também da preservação, conservação e reprodução dos saberes.

Martin Heidegger na sua obra “O ser e o tempo” dedicou toda a seção 36 para discutir a curiosidade, a qual caracterizou pelo desejo continuo e sempre renovado de ver: “A constituição fundamental da visão mostra-se numa tendencia ontológica de ‘ver’, própria a cotidianidade. Nós a designamos com o termo curiosidade”².

O trecho citado acima do filósofo alemão remete também a outro aspecto da ideia de curiosidade que merece destaque, qual seja a relação desta com o cotidiano. Neste sentido a curiosidade assume a condição de uma certa forma de interação e conhecimento da realidade ainda que para Heidegger este saber se apresente como disperso e desordenado.

A impermanência e a dispersão são elementos constitutivos da curiosidade para Martin Heidegger:

“Os dois momentos constitutivos da curiosidade, a impermanência no mundo circundante das ocupações e a dispersão em novas possibilidades, fundam a terceira característica essencial deste fenômeno, que nós chamamos de desamparo. A curiosidade está em toda a parte e em parte alguma”³

Sem desconsiderar as reflexões de Martin Heidegger e mesmo nos apropriando de parte delas, especialmente no que tange ao entendimento da curiosidade como uma vontade, uma tendência para a busca do conhecimento propomos discutir ao longo deste texto a mais importante obra de Isidoro de Sevilha (560-636), “Etimologias”⁴, como um monumento ao saber, como uma gigantesca compilação da sabedoria e da erudição do mundo tardo antigo e porque não como um fruto da curiosidade.

A síntese realizada pelo Hispalense tinha por objetivo preservar, conservar e mesmo perpetuar a cultura e a ciência advinda dos pensadores e filósofos da Antiguidade estabelecendo um legado a ser utilizado pelos intelectuais medievais. Tal finalidade explica e justifica a abrangência e a diversidade das temáticas abordadas nas “Etimologias”.

² HEIDEGGER, Martin. *O ser e o tempo*. v. I. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. p.230

³ Idem. p.233

⁴ Neste trabalho utilizaremos a seguinte versão bilíngue da obra: ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983

A proposta analítica que apresentamos consiste em entender e analisar esta obra de Isidoro de Sevilha como, por um lado, o resultado e produto do ambiente cultural e intelectual da Antiguidade Tardia e por outro como uma condensação e epítome deste momento histórico.

A partir desta propositura se impõe traçarmos uma panorâmica, ainda que privilegiando as grandes linhas de rumo, da Antiguidade Tardia e de seu universo cultural e intelectual

I. O mundo cultural da Antiguidade Tardia

Além de um período da história a Antiguidade Tardia se configura como um conceito que remete para uma determinada abordagem deste momento histórico. As duas principais idéias que norteiam a argumentação desta perspectiva analítica é por um lado compreender a Antiguidade Tardia não como um momento de decadência e declínio, mas sim como uma época de grande criatividade e inovação que se manifestam principalmente na religião e na cultura:

“O sentimento de uma ‘explosão’ da energia divina no mundo interior do indivíduo tem efeitos revolucionários. Em muitos homens e mulheres humildes despertam, subitamente, o poder formativo da cultura clássica e as sanções habituais do comportamento.”⁵

Por outro lado a afirmação da existência de uma continuidade com o passado, a Antiguidade Tardia é a legítima herdeira do legado clássico e irá perpetuar essa herança:

“Grupo algum de romanos idealizara jamais Roma tão entusiasticamente como os poetas e oradores do fim do século IV e começos do século V. O mito de Roma, que havia de obcecar os homens da Idade Média e do Renascimento – Roma æterna, Roma concebida como clímax da civilização, destinado a continuar sempre -, não foi criado pelos homens do Império Romano clássico; foi um legado direto do forte patriotismo do mundo latino do fim do século IV.”⁶

Essa tensão entre continuidade e ruptura é um elemento marcante e estruturante da perspectiva tardo antiga. A Antiguidade Tardia é conceituada, a partir desta linha argumentativa, como um momento histórico onde se estabelece uma dialética entre a inovação e a conservação: “Quando nos ocupamos do último período do Mundo Antigo,

⁵ BROWN, Peter. *O Fim do Mundo Clássico. De marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. p.55

⁶ Idem, ibidem.

vemo-nos entre a contemplação saudosa das velhas ruínas e as aclamações esperançosas de um mundo novo.”⁷ A originalidade do período se encontra nesta dinâmica e articulação entre o antigo e o novo, entre *treditio* e *renavatio* no estabelecimento de uma síntese na qual a tradição é ressignificada.

Todavia, é necessário salientar que, no que concerne ao âmbito cultural, a Antiguidade Tardia não se apresenta uniforme ou homogênea, muito pelo contrário as releituras da tradição clássica foram realizadas a partir de diferentes e interrelacionados parâmetros dentre os quais podemos destacar a posição social, o espaço geográfico, a confissão religiosa ou o pertencimento étnico.

A sobrevivência das tradições culturais era, antes de tudo, garantida pela continuidade das estruturas urbanas que no mundo mediterrâneo clássico se constituíram como o *locus* por excelência da cultura. A cidade trazia consigo todo um conjunto de elementos, tais como: termas, teatros, escolas filosóficas, instituições educativas que conformam um ambiente necessário e propício ao desenvolvimento das atividades culturais.

Em termos culturais o ponto de inflexão que aponta para a transição do mundo tardo antigo em direção aos tempos medievais em amplas áreas que eram compreendidas e abrangidas pela porção ocidental do Imperio Romano, especialmente o que posteriormente seria denominado de Ocidente Medieval, foi a contração demográfica da população citadina, o encolhimento da importância econômica e social dos centros urbanos e o enfraquecimento do vigor cultural das cidades.

Sem embargo enquanto e onde as estruturas urbanas resistiram e se mantiveram era possível, para aqueles que desejavam e tinham condições econômicas, receber uma educação dentro dos moldes e parâmetros da *Paideia*⁸ greco-romana. Este tipo de

⁷ Idem. p. 7

⁸ A palavra *παιδεία* na língua grega encontrava-se profundamente ligada a ideia de educação entendida como uma formação bastante ampla do homem, nas palavras de Silvana Bollis: “[A *Paideia*] busca formar o homem em sua integralidade, corpo, alma, sensibilidade e racionalidade, formando-lhe o caráter, o espiritual, à medida que busca permanentemente a justiça usando o critério da verdade. Não apresenta caráter utilitarista ou pragmático, pois não busca adestrar ou instrumentalizar o indivíduo no exercício de “fazer algo” e sim, uma formação plena que tem o homem e suas formas de “con-viver” em sociedade como principal objeto do seu pensar. No entanto o termo *Paideia* não se configurava como um simples vocábulo, como uma singela palavra. *Paideia* era um conceito que abarcava uma realidade muito mais vasta do que a educação ou a formação do cidadão e do homem. A monumental obra de Werner Jaeger, *Paidéia: os ideais da cultura grega*, buscou entender as relações estabelecidas entre *Paidéia*, cultura e tradição, uma vez que o autor identifica a noção de *Paidéia* com a conceito de cultura: “E na forma de *Paideia*, de ‘cultura’ consideraram os gregos a totalidade da sua obra criadora em relação aos outros povos da Antiguidade da qual foram herdeiros”⁷ ou ainda esta outra passagem: “Porém, os verdadeiros representantes da *Paideia* grega não são os artistas mudos – escultores, pintores, arquitetos -, senão os poetas e músicos, os filósofos, os retóricos. Ou seja, os homens de estado”. BOLLIS, Silvana. *Paideia Filosófica: o sentido da Formação na República de Platão*. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, 2013.p.50. JAEGER, Werner Wilhelm. *Cristianismo Primitivo y Paideia Griega*. México: Fondo de Cultura Económica,

formação intelectual era imprescindível tanto para aqueles que ambicionavam ter uma carreira burocrática seja no âmbito imperial seja nos nascentes e ainda em formação Reinos romano-bárbaros quanto, e cada vez mais, para garantir um lugar de destaque nas estruturas eclesiais.

A formação intelectual proporcionada pela *Paideia* greco-romana estava alicerçada no estudo da gramática e da retórica a partir da leitura e do estudo de autores, como Homero e Virgílio, vinculados a civilização greco-romana tinha como uma de suas características fundamentais a manutenção da tradição cultural clássica e por conseguinte era marcada por um forte conservadorismo.

A Antiguidade Tardia foi um momento histórico no qual, seguindo as categorias de Reinhart Koselleck⁹, o espaço da experiência se sobrepunha ao horizonte de expectativas, isto é uma sociedade e uma cultura na qual o passado e a tradição se configuram como elementos mais importantes e essenciais para organizar as relações humanas do que o futuro e o novo.

Diante deste quadro a inovação e a novidade, para se inserirem neste ambiente cultural, necessitam se articularem com a tradição por meio da releitura e ressignificação dos elementos já existentes. Um bom exemplo desta articulação entre o antigo e o novo, entre a *traditio* e a *renovatio* durante a Antiguidade Tardia foi a emergência de uma corrente filosófica como o Neoplatonismo¹⁰. Este realizou uma ampla e profunda transposição e adaptação das ideias platônicas na criação de um sistema filosófico original.

Não obstante talvez o maior exemplo da dinâmica cultural da Antiguidade Tardia, ou seja da articulação entre o antigo e o novo, entre a *traditio* e a *renovatio* tenha sido o crescimento da importância e da influência da religião cristã na sociedade e na cultura tardo antiga.

Este processo expansionista do cristianismo e de sua Igreja, é importante ressaltar, ocorreu dentro dos moldes e parâmetros da “Paidéia” greco-romana, ou seja, o progressivo crescimento da religião evangélica aconteceu em um universo simbólico dominado pela herança da cultura que marcou e caracterizou as elites urbanas da Antiguidade Clássica¹¹.

1965. p.6

⁹ KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006, p.305-327.

¹⁰ Sobre o Neoplatonismo ver NIKULIN, Dmitri. *Neoplatonism in Late Antiquity*. New York: Oxford University Press, 2019.

¹¹ CRUZ, Marcus. Religiosidade Tardo-Antiga e Cristianização do Império Romano. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v.3, nº2, p.295-315. 2011.

Uma questão central que perpassa as discussões dos intelectuais na Antiguidade Tardia diz respeito à relação estabelecida pelo cristianismo com a “Paidéia” greco-romana. Observava-se uma situação de tensão e conflito na medida em que os diferentes grupos cristãos buscaram se apropriar da “Paidéia” greco-romana, legitimando suas pretensões e interesses pela condição de herdeiros e os genuínos intérpretes desta tradição intelectual por um lado. De outro os pensadores pagãos defendem sua condição de legítimos sucessores e verdadeiros hermeneutas da cultura clássica. Desta forma contestando a pretensão de parte dos eruditos evangélicos.

A luta dos pensadores cristãos para se apropriarem da herança da “Paidéia” greco-romana demonstra de forma cristalina a dinâmica cultural tardo antiga, em outros termos a articulação dialética entre a *traditio* e a *renovatio*, a necessidade da inovação ressignificar a tradição.

Todavia mais um elemento cultural se inseriu no universo simbólico da Antiguidade Tardia, especialmente a partir das grandes migrações e assentamentos populacionais no interior do território imperial de povos advindos além das fronteiras, qual seja: a contribuição bárbara¹².

A chegada dos povos bárbaros, seja pela pequena densidade demográfica no computo geral da população, seja pela concentração em determinadas regiões, impactaram de forma delimitada e circunstancial as condições vivenciadas pela cultura tardo antiga.

Apesar do processo de chegada e assentamento do elemento bárbaro nas regiões ocidentais do Império Romano ter significado um momento de turbulência e violência com a constituição dos Reinos Romano-bárbaros ficou patente que os novos donos do poder por admirarem e reverenciarem a “Paidéia” greco-romana procuraram protegê-la e utilizá-la, por exemplo, com a manutenção das estruturas de ensino, bem como a preservação das instituições urbanas¹³. O caso da Hispania sob domínio visigótico é um caso modelar desta

¹² A noção de bárbaro no universo cultural e simbólico romano é utilizada para designar todos os povos que não compartilham da civilização clássica vivendo simultaneamente a margem desta, mas também em relação com ela. Portanto, é uma concepção que abrange um conjunto múltiplo e variado de sociedades. Apesar do caráter pejorativo que ao longo de muito século este termo o carrega se adéqua melhor a nossa análise do que a terminologia de germano por dois motivos. Primeiro aponta para a diversidade e heterogeneidade dos povos a partir do limes entraram em contato com Roma e sua cultura e que posteriormente se assentaram no território imperial, algo escamoteado pela ideia de germano que tende a uniformizar e homogenizar esses povos. Além disso o conceito de bárbaro nos remete a partilha identitária fundamental que marca o mundo antigo, ou seja, aquela entre civilização e barbárie. Especialmente porque ao longo da Antiguidade tardia esta partilha identitária se modificará exatamente pela incorporação dos “bárbaros” a Paideia. No entanto é importante frisar que neste trabalho nossa análise irá se deter somente naquelas nações “bárbaras” estabelecidas no *limes* renano-danubiano e que ao longa da Antiguidade Tardia se assentaram na porção ocidental do Império Romano e assim progressivamente constituíram os reinos romano-bárbaros.

¹³ CASTELLANOS, Santiago. Barbaros y cristianos em el Imperio tardoromano. La adaptación de la intelectualidad cristiana occidental In: *Studia Histórica*. Historia Antigua, Salamanca, v.24, p.237-256, 2006.

situação que proporcionou as condições para a emergência de um pensador como Isidoro de Sevilha capaz de realizar uma síntese magna desta cultura na sua obra “Etimologias”.

O assentamento dos povos bárbaros e principalmente a constituição dos Reinos Romano-Bárbaros trouxeram consigo uma significativa transformação, a saber: a fragmentação tanto espacial quanto política dos territórios que anteriormente constituíam a porção ocidental dos domínios imperiais. Na visão de Jacques Fontaine a quebra da unidade romana teve como desdobramento a clivagem intelectual da romanidade, pois a partir de então as antigas províncias romanas passam a se ignorar e a seguir um rumo cultural próprio e específico¹⁴.

A perspectiva analítica de Fontaine nos apresenta como conferindo um impacto descomedido a fragmentação territorial e a constituição dos Reinos Romano-Bárbaros no universo cultural tardo antigo. Em primeiro lugar porque elementos estruturantes da civilização tardo antiga, tais como a organização do ensino, as instituições urbanas e mesmo a Igreja, sem contar o uso da língua latina não apenas permaneceram como estavam presente nas diferentes estruturas estatais emergentes. Por outro lado, a circulação de pessoas, livros e ideias também continuaram neste espaço agora dividido do Ocidente mediterrânico como demonstra a efetiva e constante troca de correspondência entre os intelectuais tardo antigo.

O mundo cultural da Antiguidade Tardia, isto posto, se apresenta como um objeto de estudo complexo e multifacetado no qual interagem diversos elementos e aspectos com graus de relevância e significância. É neste universo simbólico que o Hispalense realizou sua produção intelectual que reiteramos se constitui como uma condensação e epítome do momento histórico da Antiguidade Tardia.

II. Alguns apontamentos acerca do Reino dos Visigodos

Isidoro de Sevilha foi uma das mais importantes figuras do Reino visigótico entre o final do VI século e as primeiras décadas da centúria seguinte. Em vista disto torna-se necessário tecermos alguns apontamentos ainda que breves e singelos acerca da presença visigoda na Península Ibérica como forma de contextualizar as atividades desenvolvidas pelo Hispalense¹⁵.

¹⁴ FONTAINE, Jacques. *Isidore de Seville et l'aculture classique dans l'Espagne wisigothique*. Paris: Études Augustiniennes, 1983.

¹⁵ CASTELLANOS, Santiago. *The visigothic Kingdom in Iberia*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 2020.

A derrota de Alarico II diante do rei dos francos, Clovis, na batalha de Vouillé, no ano de 507, significou o abandono, pelos Visigodos, dos territórios nas Gálias e a emigração para a Hispania. Debaixo da proteção do rei Ostrogodo, Teodorico a monarquia visigótica consolidou seu domínio em terras ibéricas além de adotar uma organização inspiradas no reino ostrogótico.

É importante frisar que neste primeiro momento o domínio visigótico não abarcava todo o território da Península Ibérica, a região da Bética e amplas extensões das antigas províncias romanas da Lusitania e da Cartaginense estavam fora do controle dos monarcas visigodos. Havia, inclusive, outra formação estatal, a dos Suevos, que compartilhava o território hispânico. Tal situação redundou em um fortalecimento das aristocracias regionais diante da realeza. Essa tensão entre a soberania régia e o poder nobiliárquico marcou de forma indelével o Reino Visigodo na Hispania.

As últimas décadas do século VI foram um período de grande monta para estado visigótico, pois assinalou o primeiro apogeu do Reino de Toledo, especialmente durante os reinados de Leovigildo (525-586) e de Recaredo (559-601). É o momento também que se solucionou a querela religiosa entre nicenianos e arianos que dividiu as elites romano-visigodas.¹⁶

Leovigildo buscou continuamente, durante seu reinado, a construção de uma monarquia segundo o modelo bizantino, isto é, impulsionando o cerimonial da corte, adotando prerrogativas e atributos imperiais como a emissão de moedas de ouro, o uso oficial do diadema, do manto e do trono. Do mesmo modo tentou esforços para consolidar a unidade do reino com a unificação territorial, jurídica e religiosa.

Durante o governo de Leovigildo (569-586) o processo de consolidação da unidade dos territórios ibéricas sob domínio visigótico avançou consideravelmente. O Reino dos Suevos foi anexado em 585, as populações bascas do Norte não apenas contidas, mas foi possível a fundação Victoriacum, um enclave do poder real no País Basco. Além disso, a presença bizantina foi reduzida a uma pequena fímbria litorânea entre os rios Guadalete e Denia. No entanto, a principal realização de Leovigildo no intento de unificação da Península Ibérica debaixo do poder da realeza foi a vitória e a submissão da poderosa aristocracia romano-visigoda do sul da Hispania.

No que tange a construção da unificação jurídica aconteceu a promulgação do *Codex Revisus*, cuja abrangência, todavia, não possuía um caráter territorial. Quanto a unidade religiosa, a política de Leovigildo optou por construir essa unidade a partir da doutrina

¹⁶ SANCOVSKY, Renata Rozental, *Formação e Cristianização dos reinos "bárbaros" na Península Ibérica: Suevos e Visigodos*. Rio de Janeiro, Fundação CECIERJ. 2010.

ariana. A escolha acabou se demonstrando incapaz de conseguir a harmonia confessional. A unicidade religiosa, considerada um elemento essencial pela realeza e pelas elites romano-visigodas para a coesão política do reino, somente foi conquistada no reinado seguinte de Recaredo.

O fracasso da tentativa de unidade religiosa a partir da doutrina ariana demonstrou a importância e o poder da Igreja niceniana na Península Ibérica. É correto afirmar que as lideranças eclesásticas, especialmente os bispos, assumiram ao longo da Antiguidade Tardia uma preeminência política, social, econômica além de religiosa cada vez maior¹⁷. Um exemplo modelar deste processo é o que podemos verificar no Reino de Toledo, no qual os bispos exerceram uma influência crescente e marcante nos mais diferentes aspectos da existência da população romana-visigoda¹⁸.

Os concílios, especialmente aqueles realizados na sede episcopal de Toledo, se converteram não apenas em assembleias que discutiam questões teológicas, doutrinas ou litúrgicas da Igreja, mas sim em conclaves que se debatiam as temáticas relevantes da sociedade e da monarquia visigoda.

É o caso do IV Concílio de Toledo realizado no ano de 633 e que foi presidido por Isidoro de Sevilha. A convocação do conclave ocorreu devido, fundamentalmente, as questões políticas em decorrência da luta pelo trono entre Suintila (594-634) e Sisenando (605-636).

No sentido de demonstrar a relevância e o poder do clero niceniano assumiu progressivamente na monarquia visigoda vale a pena olhar com um pouco mais devagar a conjuntura na qual o IV Concílio de Toledo se inseriu¹⁹.

Ignoramos por completo as razões que levaram ao debilitamento político de Suíntila. O certo é que a poderosa aristocracia da região da Narbonense, que em diversos momentos da história do Reino visigótico já havia manifestado sua força e pretensões políticas. A rebelião foi liderada por Sisenando que, aproveitando os laços entre a nobreza que comandava com a elite do Reino dos Francos, solicitou ajuda ao Rei merovíngio Dagoberto.

Um exército recrutado entre os burgúndios atravessou os Pireneus pelo passo da *via Domitia* e se dirigiu para a região de Zaragoza, onde estava concentrada as tropas de

¹⁷ RAPP, Claudia. *Holy Bishop in Late Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 2005.

¹⁸ CASTRO, Dolores. The Bishop and the word: Isidore of Seville and the production of meaning In: DELL'ELICINE, Eleonora; MARTIN, Céline. *Framing power in visigothic Society*. Discourses, devices and artefacts. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020, p.51-74.

¹⁹ ANDRADE FILHO, Ruy Oliveira de. O Reino visigodo católico (séculos VI-VII): cristianização ou conversão? *Politeia*. História e Sociedade, Vitória da Conquista, v.5, nº1, p.91-101,2005

Suíntila. Apesar disso, o embate militar acabou não acontecendo entre as duas armadas, uma vez que a aristocracia que comandava as forças visigóticas abandonou a causa do rei e aclamou Sisenando, chefe da rebelião contra o trono, como novo rei visigodo.

O *coup d'état* comandado vitoriosamente por Sisenando destronou Suíntila, mas era preciso legitimar a passagem do poder. É com esse grande objetivo que será convocado o IV Concílio de Toledo.

O Concílio foi instaurado no dia 5 de dezembro de 633 na basílica de Santa Leocádia em Toledo e sob a presidência, como já dizemos acima, de Isidoro de Sevilha. A reunião episcopal tratou de diversas e diferentes assuntos e matérias, no entanto o tema central era repactuar o consenso político do Reino de Toledo.

Todas as partes implicadas e imbricadas na questão, ou seja, a realeza, a aristocracia e o clero estavam comprometidos em buscar uma formulação que harmonizasse os interesses destes grupos e permitissem a reconstrução do consenso político do Reino.

O novo rei Sisenando tinha por objetivo a legitimação de sua violenta ascensão ao trono. Já a aristocracia romano-visigoda buscava enfraquecer e mesmo superar o princípio da hereditariedade monárquica defendendo o retorno do procedimento eletivo para a escolha do monarca que reforçava o seu poder. O episcopado intentava a consolidação de forma mais pacífica possível de uma monarquia niceniana que possibilitaria o aumento do prestígio e da atuação do clero.

O novo pacto político que emerge do IV Concílio de Toledo e que fundamentou o funcionamento da monarquia visigótica ao longo de todo o VII estava baseado em três pilares fundamentais, a saber: o fortalecimento da autoridade real, a regulamentação da sucessão monárquica e o estabelecimento de garantias processuais para os juízos do Tribunal régio.

Para nossa análise o elemento fundamental em torno das discussões e decisões ocorridas no IV Concílio de Toledo é a comprovação da centralidade do papel desempenhado pela elite do clero cristão niceniano nas articulações políticas do Reino Visigótico. Tal posição era resultado tanto do status social e da condição econômica deste extrato na sociedade romano-visigoda quanto, e talvez até principalmente, pela situação de liderança intelectual e cultural exercida pelos bispos naquele momento.

III – Isidoro de Sevilha e suas Etimologias

Dentre esses preladados a figura e a obra de Isidoro de Sevilha se destacou permitindo que este, por exemplo, comandasse o já citado e analisado, ainda que brevemente, IV Concílio de Toledo.

O Hispalense nasceu em 570 no seio de uma poderosa e rica família romana da região da Terraconense, mais especificamente da cidade de Cartago Espartária ou Cartegena. Recebeu uma educação dentro dos moldes e padrões mais altos e exigente da *Paideia* greco-romana. Ocupou, a partir do ano de 600, a sede episcopal da principal cidade da Bética, Sevilha, substituindo seu irmão Leandro²⁰.

A principal tarefa a qual se dedicou ao longo de sua trajetória eclesiástica e intelectual foi a reforma e aprimoramento cultural da Igreja do Reino Visigodo. Em primeiro lugar era preciso superar a dicotomia e as disputas teológicas e doutrinárias com os sacerdotes arianos após a unidade religiosa imposta por Recaredo. Em segundo lugar, era preciso, pelo menos na visão do bispo de Sevilha, dotar o clero de instrumentos intelectuais necessários para a renovação da Igreja. Neste sentido, as “Etimologias” assumem um lugar central no labor isidoriano.

O esforço do Hispalense para atingir seus objetivos tinha por base um método de trabalho bastante exigente e que por suas características e organização fez de nosso autor um herdeiro da tradição e da herança da *Paideia* greco-romana.

A maneira de construção da sua obra, especialmente das “Etimologias”, possui como primeira etapa a realização de um amplo conjunto de leituras acerca do tema de interesse com o objetivo de reunir as passagens mais importantes sobre este. Em seguida estes trechos são amalgamados numa redação que busca não apenas que sintetize as leituras, mas também que as compatibilize e as clarifique.

A utilização deste método exige em primeiro lugar uma vasta biblioteca. Condição que contradiz um conhecido e bastante popular clichê que afirma e reforça a ideia da “pobreza” intelectual do período tardo antigo corroborando e complementando as interpretações centradas nos conceitos de decadência e declínio. A maneira como o Hispalense construiu e elaborou sua obra é uma clara demonstração de que tais concepções em grande medida equivocadas.

O segundo passo do método de trabalho de Isidoro de Sevilha no desenvolvimento de sua obra, especialmente no que tange as “Etimologias”, pode ser substanciada na leitura e síntese de uma plêiade notável de livros e autores pertencentes ao universo cultural da Antiguidade Tardia. O Hispalense em seu formidável esforço enciclopédico revelou ter

²⁰ GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Juan. *San Isidoro*. Doctor de las Españas. Sevilla; León; Cartegena: Caja Duero; Fundación Cajamurcia; Fundación del Monte, 2003.

conhecimento do vasto e amplo pensamento filosófico, literário, jurídico, científico e teológico vinculado a *Paideia* greco-romana.

Finalmente o terceiro e, talvez, mais importante elemento do trabalho intelectual do nosso autor é o respeito pela tradição intelectual. Isidora de Sevilha ao escrever as suas “Etimologias” não como projeto ou mesmo a pretensão de inovação ou originalidade em termos do conteúdo da obra. A inovação e a originalidade estavam presentes na proposta e na organização do texto realizado dentro de um dos princípios norteadores do universo cultural tardo antigo, qual seja: a articulação entre a *traditio* e a *renovatio*. O objetivo perseguido pelo Hispalense não foi apenas o de reunir a maior parte da tradição cultural da Antiguidade, mas também de colocar à disposição, daquela e das futuras gerações, este cabedal de conhecimentos. Evidentemente que nesta meritória tarefa nosso autor fez suas escolhas pertinentes ao momento em que vivia e com isso renovou a tradição da *Paideia* greco romana.

Um dos principais resultados do método, acima brevemente descrito, foi, sem lugar a dúvidas, a elaboração das “Etimologias” nesta obra o Hispalense parte das palavras, do seu sentido e da sua história para estabelecer um gigantesco dicionário, uma verdadeira enciclopédia acerca do conhecimento do universo cultural da *Paideia* grego romana na Antiguidade Tardia.

Um rápido olhar sobre as temáticas presentes na obra compravam seu caráter enciclopédico: I. Gramática e suas partes; II. Retórica e dialética; III. Matemática, isto é, aritmética, música, geometria y astronomia; IV. Medicina; V. Direito y temas de cronologia; VI. Sagradas Escrituras, bibliotecas e livros, ciclos, festas e ofícios; VII. Deus, anjos, Santos Padres e hierarquias eclesiásticas; VIII. Igreja, sinagoga, hereges, filósofos e poetas, e outras religiões; IX. Línguas y designações de povos, cargos e relações; X. Origem de alguns nomes; XI. O homem e suas partes, monstros e defeitos; XII. Os animais; XIII. Os elementos, mares, rios e dilúvios; XIV. Geografia; XV. Cidades, construções rústicas e urbanas e sistemas de medida e comunicação; XVI. Mineralogia e metais, pesos e medidas; XVII. Agricultura; XVIII. Guerra, espetáculos e jogos; XIX. Navios, pesca, profissões, edifícios e vestidos; XX. Comida, bebida e instrumentos domésticos e camponês.

O sumário das “Etimologias” chama a atenção de imediato por duas razões. Em primeiro lugar a amplitude do escopo das áreas do conhecimento abrangidas pela síntese isidoriana. Começando pelas disciplinas do *Trivium* e *Quadrivium*²¹ passando medicina, pelo direito, pela biologia humana e animal, pela geografia e os fenômenos naturais, pelas

²¹ MONGELLI, Lênia Márcia. *Trivium e quadrivium: as artes liberais na Idade Média*. Cotia: Ibis, 1999.

atividades humanas. Devemos destacar também a importância que assumem as questões de caráter teológico, algo perfeitamente justificado e compreensível para um bispo como Isidoro e para um momento como a Antiguidade Tardia na qual a religião cristã e a sua Igreja assumem progressivamente uma posição hegemônica tanto social quanto culturalmente.

Por outro lado, merece destaque também a forma como está organizada a obra com associações de assuntos e mesmo certas temáticas que observada a partir do ordenamento e da classificação dos saberes elaborado e utilizado pela modernidade trazem um certo grau de estranhamento, em uma clara demonstração da distância que nos separa do mundo tardo antigo.

Enfrentando, e buscando superar, esse estranhamento provocado pela distância temporal e pelas diferenças entre o universo simbólico da modernidade e o da Antiguidade Tardia passamos a analisar das “Etimologias” com o objetivo de comprovar nossas hipóteses neste artigo, a saber a luta dos intelectuais cristãos para se apropriarem e se tornarem os legítimos herdeiros da *Paideia* greco-romana, bem como o caráter de síntese do conhecimento da obra de Isidoro de Sevilha.

Uma primeira passagem a ser considerada se encontra no livro XI dedicado aos homens e aos seres maravilhosos:

“Varrão diz que os monstruosos são as coisas que parecem nascer contra a lei da natureza. Na realidade, não acontecem contra a natureza, posto que sucede por vontade divina e a vontade do Criador é a natureza de tudo o que foi criado. Em consequência, o maravilhoso não se realiza contra a natureza senão contra a natureza conhecida. E se conhecem com o nome de maravilhoso, manifestação, monstruosos e prodígios porque anunciam, manifestam, mostram e predizem algo futuro”²²

Devemos de pronto destacar que o texto do Hispalense inicia-se com a citação de um autor profundamente identificado com a *Paideia* greco-romano, qual seja: Marcus Terentius Varro (116 AEC-27 AEC). O uso de Varrão por Isidoro aponta para alguns aspectos fundamentais. Em primeiro lugar confere autoridade e legitimidade a obra na medida que o autor recorre a uma tradição cultural reconhecida e consolidada em um universo simbólico no qual a *traditio* desempenha um papel central. Por outro lado, um dos trabalhos de Varrão foi o *De lingua latina* (Sobre a Língua Latina). Livro dedicado a

²² Portenta esse Varro ait quæ contra naturam nata videntur: sed non sunt contra naturam, quia divina voluntate fiunt, cum voluntas Creatoris cuiusque conditæ rei natura sit. Unde et ipsi gentiles Deum modo Naturam, sed contra Deum apellant. Portentum ergo fito n contra Naturam, sed contra quam est nota natura. Portenta autem et ostenta, monstra atque prodigia ideo nuncupator, quod portendere atque ostendere, monstrare ac predicare aliqua futura videntur. ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983, v.II. p.46.

gramática do latim que utilizado posteriormente por diversos autores²³. A preocupação com a preservação da qualidade da língua latina aproxima Isidoro de Varrão demonstrando o quanto esses homens mesmo afastados por séculos compartilhavam uma mesma tradição cultural.

No entanto, é preciso salientar também que o bispo de Sevilha tensiona as ideias do filósofo romano, pois discorda deste ao afirmar que os seres monstruosos não são contra a natureza, na medida em que tudo que existe no mundo natural depende da vontade divina, portanto Deus não cria um ser contrário a própria natureza por Ele criada. Aqui é possível perceber o segundo princípio fundamental do universo simbólico trado antigo, ou seja a *renovatio*. A partir da tradição Isidora busca renovar introduzindo as ideias cristãs buscando uma cristianização da *Paideia* greco-romana.

No mesmo livro nosso autor afirma:

“Em efeito, explicam que o maravilhoso deriva de *portendere*, ou seja, anunciar de antemão. O manifesto, porque parece manifestar algo que vai ocorrer. Os prodígios, porque anunciam dizem previamente, isto é, predizem o que vai suceder. Por sua parte, *monstra* deriva seu nome de *monitus*, porque se mostra para indicar algo ou porque mostram o significado de algo. E este é seu significado próprio, que havia sido, no entanto, corrompido pelo abuso do uso desta palavra que foi feito pelos escritores. A aparição de determinados maravilhosos parece querer assinalar acontecimentos que vão acontecer, nas ocasiões que Deus quer nos indicar que vai suceder algo por meio de penalizações àqueles que nascem, assim como servindo-se de sonhos e de oráculos adverte e indica a alguns povos ou homens as desgraças futuras”²⁴

Este segundo trecho selecionado nos permite perceber a importância que assumem os elementos gramaticais e etimológicos na reflexão e análise de Isidoro que desta forma se vincula a uma longa e prestigiosa tradição intelectual que garante desta forma a legitimidade do conhecimento produzido reafirmando a centralidade da *traditio* no universo simbólico da Antiguidade Tardia.

Por outro lado, não devemos deixar de ressaltar que a perspectiva do Hispalense se encontra sempre dentro o ambiente cristão que se configura como um outro pilar poderoso e essencial de seu pensamento ao lado da *Paideia* greco-romana. A figura divina observa, controla, determina todos os aspectos inerente a Natureza, como também a vida humana.

²³ Dos quais podemos citar Mário Sérgio Honorato, Aulo Gélio, Macróbio, Solino e Plínio, o Velho.

²⁴ Nam portenta dicta perhibent a portendendo, id est præostendendo. Ostenta autem, quod ostenderte quidquam futurum videantur. Prodigia quod porro dicant, id est futura prædicant. Monstra vero a monitum dicta, quod aliquid significando demonstrent, sive quod statim monstrent quid apparet; et hoc proprietas est, abusione tamen scriptorum plerumque corruptor. Quædam autem portentorum creationes in significationibus futuris constituta videntur. Vult enim deus interdum ventura per aliqua nascentium noxia, sicut et per somos et per oracula, qua præmonere quibusdam vel gentibus vel hominibus futuram cladem; quod plurimis etiam experimentis probatum est.

Conhecedor da obra de Agostinho (354-430), bispo de Hipona e um dos principais pensadores do cristianismo, Isidoro se apropria das ideias deste acerca da atuação da Providência divina²⁵.

Um terceiro excerto retirado das “Etimologias” serve para demonstrar a amplitude da curiosidade do nosso autor no caso escolhemos um fragmento do livro sobre a guerra e os jogos, mais especificamente quando o Hispalense discute o jogo de dados, cito: “Os dados recebem semelhante nome porque são quadrados por todos os lados. Há aqueles que denominam lebrinhas porque saem correndo quando jogados. Anteriormente os dados se chamavam flechas derivando de lançar”²⁶.

Percebemos aqui mais uma vez a preocupação do bispo de Sevilha com os aspectos gramaticas e etimológicos das palavras reafirmando o compromisso de sua análise com a coerência do método escolhido para fundamentar a elaboração da obra.

Outra passagem neste mesmo livro Isidoro escreve: “O jogo de dados é manipulado de tal maneira pelos jogadores experimentados que conseguem tirar o que desejam, por exemplo, um *senio* que é a possibilidade mais alta, sabem também evitar o *canis* que é a pontuação mais baixa por significa 1 ponto.”²⁷

Este trecho é interessante porque é possível perceber a posição majoritária entre os membros do clero cristão contra os jogos o que levou ao desaparecimento dos jogos de gladiadores e posteriormente das corridas, mas que nunca conseguiu coibir completamente certos tipos de jogos como o de dados.

Finalmente trazemos um último passo para análise, qual seja quando o Hispalense se debruça sobre os anéis, no livro sobre os navios, edifícios e o vestuário:

“Se diz que Prometeu foi o primeiro que cingiu seu dedo com um aro de ferro no qual estava incrustada uma pedra. Seguindo o exemplo os homens começaram a usar anéis. O nome *anulus* é a forma diminutiva de *anus* bracelete ou tornozeleira que se coloca nos braços ou pernas.[...] Entre os antigos era infame para um homem ostentar mais de um anel. Disse Graco em sua acusação contra Mevio: Olhem para sua mão esquerda, quirites, aí esta a autoridade que segue um homem que por paixão pelas mulheres como uma mulher aparece enfeitado. Craso, o que morreu entre os partos, na sua velhice usava anéis, alegando como explicação que sua imensa

²⁵ ELFASI, Jacques. Presence of Augustine of Hippo in Isidore of Seville: some provisional remarks In: DELL'ELICINE, Eleonora; MARTIN, Céline. *Framing power in visigothic Society*. Discourses, devices and artefacts. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020, p.23-50.

²⁶ Tesseræ vocatæ quia quadræ sunt ex omnibus partibus. Has alii lepusculos vocant, eo quod exiliendo discurrant. Olim autem tesseræ iacula appellabantur, a iaciendo. ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983, v.II. p.426.

²⁷ lactus tesserarum ita a peritis aleatoribus componitur ut adferat plantum voluerit, utputa senionem, qui eis in iactu bonum asfert. Vitant autem canem quia damnosus est; unum enim significat. ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983, v.II. p.428.

fortuna tinha aumentado. Houve também entre os romanos que se abstiveram, por dignidade, de levar anéis nos dedos. As mulheres não usavam anéis senão aqueles que o prometido lhe havia dado em noivado, tampouco era costume ostentar em sus dedos mais do que dois anéis de ouro. Hoje, no entanto, não há mulher que se prive de levar todos seus dedos adornados e cobertos de anéis de ouro”²⁸.

Neste trecho das “Etimologias” é possível perceber diversos elementos bastante significativos na análise e reflexão de Isidoro de Sevilha. Em primeiro lugar o uso da mitologia clássica para apresentar as origens dos anéis demonstrando tanto o conhecimento quanto a vinculação de nosso autor a tradição cultural da *Paideia* greco-romana que o Hispalense se esforça para se apropriar e adaptar aos princípios e ideais cristãos.

Outro aspecto que queremos salientar é o uso que o bispo de Sevilha faz do passado. Nosso autor busca exemplos na História de Roma da utilização dos anéis por personagens importantes dos anais romanos na perspectiva ciceroniana da *historia magister vitæ* o que demonstra tanto e mais uma vez a ligação intrínseca do Hispalense com a *Paideia* greco-romana, quanto a importância central da tradição no universo cultural da Antiguidade Tardia.

Por fim, devemos ressaltar a crítica moralista que o bispo de Sevilha faz as mulheres de seu tempo que ao contrário do passado, que sempre é um modelo a ser seguido, abusam dos usos dos anéis devido a sua vaidade. Esse tipo de julgamento é um topos consagrado e recorrente na literatura dos moralistas cristãos e mesmo dos helenos que confluem e concordam acerca da posição subalterna das mulheres na sociedade.

IV – Considerações finais

Na conclusão deste texto a intenção é retomar alguns pontos que atravessaram nossa análise ao longo das páginas precedentes. Tendo como fulcro a análise, ainda que sucinta e breve, da obra “Etimologias” de Isidoro de Sevilha a partir de duas premissas fundamentais.

²⁸ Primus Prometheus fertur circumlatus ferreo lapide digito circumdasse; qua consuetudine homines uti anulos habere coeperunt. Anuli autem per diminutionem dicti a circulis et anis, qui sunt circum brachia et circum crura; [...] Apud veteres ultra unum anulum uti infame habitum viro. Gracchus in Mevium: Considerate, Quirites, sinistram eius; em cuius auctoritatem sequimini, qui propter mulierum cupiditatem ut mulier ornatos. Crassus, qui apud Parthos periit, in senectute duos habuit anulos, causam præferens quod pecunia ei inmensa crevisset. Multi etiam Romanorum pro gravitate anulum gestare in digito abstinerunt. Feminæ non usæ anulis, nisi quos virgini sponsus miserat, neque amplius quam binos anulos áureos in digitis habere solebant. At nunc præ auro nullum feminis leve est atque inmune membrum. ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983, v.II. p.484-486

Em primeiro lugar que o livro supracitado, bem como o conjunto da contribuição intelectual do Hispalense, se insere no universo cultural da Antiguidade Tardia, significa dizer com isso que essa obra foi construída dentro dos moldes e parâmetros da *Paideia* greco-romana e por isso atravessada pela tensão entre a *tradio* e a *inovatio*, entre a tradição e a inovação.

Porém, não devemos esquecer que a apropriação e utilização feita pelo bispo de Sevilha da tradição cultural da Antiguidade foi realizada no interior da Igreja cristão e por conseguinte dos princípios e preceitos evangélicos. Neste sentido, o esforço e o labor de nosso autor foi para coadunar a *Paideia* greco-romana e o cristianismo. Tarefa na qual diversos e diferentes pensadores cristãos também se dedicaram ao longo do período tardo antigo.

O segundo pressuposto de nossa intervenção era entender a “Etimologias” como uma obra que se configura como uma condensação e sumula do conhecimento do universo cultural da antiguidade clássica. Neste aspecto é um tributo e uma elegia a curiosidade não apenas das sociedades do antigo mediterrâneo, mas também a infinita e incomensurável busca pelo saber da humanidade.

Recebido em 23 de setembro de 2022
Aceito em 22 de novembro de 2022